

**PRÁTICAS EDUCATIVAS COMO INSTRUMENTO DE INTERCÂMBIO DE
CULTURA E CONHECIMENTO ENTRE BRASIL E ARGENTINA**

**LAS PRÁCTICAS EDUCATIVAS COMO INSTRUMENTO DE INTERCAMBIO DE
CULTURA Y CONOCIMIENTOS ENTRE BRASIL Y ARGENTINA**

Recebido em: 11/09/2024

Aceito em: 12/12/2024

Publicado em: 29/01/2026

Deise Anelise Froelich¹ 

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

Marjorie Bier Krinski Corrêa² 

Universidade Federal da Fronteira Sul

Resumo: As respostas de muitos dos desafios ao desenvolvimento têm entre suas bases a educação. Esta, por sua vez, influencia e é influenciada pelo contexto em que está inserida. Na faixa de fronteira entre o Brasil e a Argentina, o hibridismo cultural e a identidade coletiva são impactados pela interação comercial e cultural e por intercâmbios de conhecimento promovidos por instituições de ensino. O fomento a iniciativas como o Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF) contribui para que as fronteiras deixem de ser barreiras rígidas e se transformam em espaços de intercâmbio cultural e educacional. O estudo se propõe a aprofundar reflexões sobre a influência deste intercâmbio nos processos de desenvolvimento, com a análise das experiências do PEIF nos municípios fronteiriços de Porto Xavier (Brasil) e San Javier (Argentina), a partir de revisão conceitual e levantamentos documentais. A análise do PEIF reforça que a valorização da identidade cultural fronteiriça e a promoção do diálogo intercultural, com o apoio de políticas públicas, são elementos essenciais para a construção de um território propício ao desenvolvimento, que vai muito além de fronteiras geográficas ou regulamentações legais.

Palavras-chave: Cultura; Fronteira; Educação; Política Pública; Desenvolvimento.

Resumen: Las respuestas a muchos de los desafíos al desarrollo se basan en la educación. Esto, a su vez, influye y es influido por el contexto en el que se inserta. En la frontera entre Brasil y Argentina, la hibridación cultural y la identidad colectiva se ven impactadas por la interacción comercial y cultural y los intercambios de conocimiento promovidos por las instituciones educativas. Impulsar iniciativas como el Programa Escuelas Interculturales de Frontera (PEIF) ayuda a que las fronteras dejen de ser barreras rígidas y se conviertan en espacios de intercambio cultural y educativo. El estudio pretende profundizar reflexiones sobre la influencia de este intercambio en los procesos de desarrollo, con el análisis de las experiencias del PEIF en los municipios fronterizos de Porto Xavier (Brasil) y San Javier (Argentina), a partir de una revisión conceptual y levantamientos documentales. El análisis del PEIF refuerza que la valorización de la identidad cultural fronteriza y la promoción del diálogo intercultural, con el apoyo de políticas públicas, son elementos esenciales para la construcción de un territorio propicio para el desarrollo, que va mucho más allá de las fronteras geográficas o las regulaciones legales.

Palabras-chaves: Cultura; Frontera; Educación; Política Pública; Desarrollo.

¹ Aluna do Programa de Pós-graduação Strictu Sensu em Desenvolvimento Regional – Doutorado da Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS (UNIJUI), Campus Ijuí. E-mail: deise.froelich@sou.unijui.edu.br

² Aluna do Programa de Pós-graduação Strictu Sensu em Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo. E-mail: marjorie.bier@gmail.com

INTRODUÇÃO

Múltiplas escalas, atores e dimensões precisam ser levados em conta quando se aborda o tema do desenvolvimento, especialmente quando se lança o olhar sobre as faixas de fronteira, onde suas peculiaridades influenciam diretamente em questões cotidianas, de ordem cultural, legal, econômica e social. É preciso, portanto, levar em conta a noção do território e as relações de identidade nele estabelecidas para compreender as múltiplas facetas do desenvolvimento em regiões fronteiriças.

Uma das principais peculiaridades das regiões entre fronteiras é a construção de uma identidade cultural fronteiriça clara, em constante trânsito, assim como aqueles que a constituem. Embora presente na esfera individual do cotidiano, a cultura é socialmente construída através da convivência e das experiências dos sujeitos que, de forma plural, constroem percepções, conceitos, consensos e comportamentos que estão sempre em constante transformação, mas com características específicas que acabam por definir a identidade de determinados lugares, grupos e até nações. Por estar arraigada às mais profundas questões subjetivas, reflete também na objetividade das decisões e da postura de indivíduos, de civilizações e na forma como se estabelece a relação entre estas.

Na faixa de fronteira entre Brasil e Argentina, o hibridismo cultural e a identidade coletiva são impactados pela interação comercial, intercâmbios de conhecimento, através de instituições de ensino, e pela integração cultural, como aquela que ocorre por ocasião da movimentação de bandas regionais entre os países e da audiência de programas de rádio de países vizinhos, sendo que sua programação pode apresentar implicações culturais, sociais e políticas.

As fronteiras, nestes casos, possuem conotações simbólicas, que ultrapassam as concepções de marco físico e estático. Nesse caso, a cultura fronteiriça passa a ser considerada como um bem público comum, transpondo os limites da fronteira física para dar espaço também à fronteira (inter)cultural. Percebem-se claras iniciativas, embora ainda com necessidade de ampliação e de fomento, para a promoção da integração entre países participantes do Mercosul em áreas como a cultura e a educação. Exemplo disso é o Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF), ação coordenada no Brasil pelo Ministério da Educação que, em parceria com escolas, universidades e instituições de gestão de educação localizadas nas regiões de fronteira, fomenta e promove ações interculturais entre os países de línguas irmãs. Trata-se, portanto, de um movimento que ratifica que a educação pode e deve ser um instrumento de destaque na promoção de intercâmbios culturais e de conhecimento.

Com a consciência da complexa formação histórica e cultural que molda indivíduos e sociedades, é crucial compreender a influência desses aspectos na interação humana, especialmente em regiões fronteiriças. Este estudo busca aprofundar a compreensão das nuances e impactos da interação cultural nessas áreas. Reconhecendo a importância das iniciativas de integração entre os países do Mercosul, como o Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF), destaca-se a necessidade de colaboração e compreensão mútua para o desenvolvimento sustentável dessas regiões.

Através do PEIF e de outras ações similares, as fronteiras deixam de ser barreiras rígidas e se transformam em espaços de intercâmbio cultural e educacional. Esses programas incentivam a troca de conhecimentos, valores e tradições entre estudantes, professores e instituições, enriquecendo as experiências de aprendizado e fortalecendo a coesão social nas regiões fronteiriças. No entanto, é importante ressaltar que essas iniciativas ainda carecem de maior investimento e apoio para alcançarem todo o seu potencial e abranger um maior número de participantes.

O estudo proposto tem como objetivo aprofundar as reflexões sobre como a interação cultural vai além das fronteiras físicas, influenciando os processos de desenvolvimento. Busca-se explorar como a cultura molda a identidade e a perspectiva das pessoas, além de investigar como iniciativas de integração cultural e educacional podem contribuir para a construção de uma fronteira intercultural harmoniosa. Adicionalmente, serão examinados os desafios ainda enfrentados e as oportunidades de fortalecer essas iniciativas, visando promover um desenvolvimento sustentável e inclusivo nas regiões fronteiriças entre Brasil e Argentina.

Com base nesse contexto, convida-se à análise das implicações da interação cultural nas regiões fronteiriças e à identificação de estratégias eficazes para fomentar a colaboração, a compreensão mútua e o desenvolvimento equitativo nessas áreas únicas e dinâmicas.

Para a análise foram utilizados instrumentos da pesquisa qualitativa, na perspectiva de exploração dos fenômenos em profundidade, com a análise de múltiplas realidades subjetivas, de maneira dinâmica e não necessariamente linear, de acordo com o que preconizam Sampieri, Collado e Lúcio (2013, p. 33). Diante destas características, a pesquisa qualitativa permite utilizar-se de métodos como observações, anotações, gravações e documentos para uma análise subjetiva e complexa. Com isso foram revisitados e discutidos os conceitos-chave de identidade, cultura e fronteira, bem como realizado um resgate teórico e documental sobre o Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF).

Para compreender melhor como se dão as relações transfronteiriças, avançou-se para o estudo de caso do PEIF que, de 2014 a 2020, através da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Cerro Largo/RS, foi executado em municípios do Brasil e da Argentina. Este artigo contempla um estudo realizado na Faixa de Fronteira da Subregião XVI do Rio Grande do Sul, pertencente ao Arco Sul, do qual fazem parte a região Fronteira Noroeste, com 20 municípios, e a região Noroeste Colonial, com 32 municípios. Atenção especial se deu ao resgate das experiências realizadas nos municípios de Porto Xavier (Brasil) e San Javier (Argentina), cidades gêmeas situadas na faixa de fronteira entre os dois países.

CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE FRONTEIRA

A identidade de quem vive na fronteira é impactada diretamente pelas relações binacionais. A colonização europeia, de portugueses e espanhóis, concentrada nos arredores dos Rios Uruguai e Paraná, marcou significativamente os rumos da história e a constituição da identidade cultural de quem vive na faixa de fronteira Brasil-Argentina.

Neste contexto, o conceito de fronteira transcende o limite geográfico para assumir o sentido de integração cultural, a construção de territórios peculiares. Trata-se, portanto, de um local de culturas híbridas, que permanecem em constante contato e, consequentemente, em transformação. O caráter transitório da fronteira cultural, marcado pela passagem constante, fomenta a emergência do novo por meio da troca de valores, comportamentos e ideologias, resultando no surgimento do hibridismo e na abertura para a mestiçagem cultural e étnica. Essa concepção se alinha às reflexões de Pesavento (2002, p.36), que associa o conceito de fronteira à construção simbólica de pertencimento e identidade.

A integração existente entre os povos vizinhos, contudo, não resulta de uma ação planejada, uma vez que é fluida e anterior às linhas físicas demarcatórias, de modo especial quando levamos em conta o passado das regiões onde viviam os guaranis, povos nômades que transitavam livremente entre Brasil, Argentina e Paraguai no período anterior à Guerra Guaranítica (1753-1756).

A livre circulação de culturas, segundo Canclini (1998, p.30), enfraquece a concepção de fronteira nacional e redefine os conceitos de nação, povo e identidade a partir das relações entre elas estabelecidas. As fronteiras culturais e, portanto, a identidade de quem nelas vive e se relaciona, estão em constante transformação. As regiões Fronteira Noroeste e Noroeste Colonial do Rio Grande do Sul, integrantes da faixa de fronteira entre Brasil e Argentina,

apresentam peculiaridades não apenas na esfera econômica e política, como no caso do Mercosul, mas também no âmbito educacional e cultural.

É nas relações entre diferentes que a identidade cultural fronteiriça é construída e constantemente transformada. Diante disso Canclini (op.cit, p.348) cita a interferência nas culturas, que perdem a relação exclusiva com o território nacional, mas ganham em comunicação e conhecimento no processo de intercâmbio. Processo este que de um lado reforça e, de outro, transforma a identidade cultural.

Moraes (2002) oferece uma perspectiva abrangente ao abordar o conceito de cultura, descrevendo-a como um sistema amplo e complexo de valores que influencia a forma como as pessoas se relacionam e se inserem no mundo. Nesse sentido, a cultura pode ser compreendida como tudo aquilo que é produzido, sentido e pensado em contextos específicos, moldados pelas circunstâncias históricas, temporais e espaciais. Essa definição ressalta a dinamicidade e a diversidade da cultura, reconhecendo-a como um fenômeno em constante transformação, moldado pelas interações humanas e pelo contexto sociocultural.

Quando compreendemos que a cultura deixa de ser “produzida” em um local específico e passa a ser fluida diante da integração e da convivência constantes com diversas realidades, percebe-se que, apesar das contribuições individuais, ela é resultado da interação coletiva. Chiapinni (2002) apresenta, neste contexto, o conceito de multiculturalismo, fruto da heterogeneidade dos modelos culturais resultante da mobilidade espacial de informações e relações entre as pessoas vindas de diferentes lugares, sendo elemento cultural característico das faixas de fronteira. O multiculturalismo também é um questionamento das fronteiras, principalmente da monoculturalidade em que se baseiam conceitos de nação. O reconhecimento da existência do multiculturalismo, segundo a autora, se baseia em reivindicações e conquistas legais, políticas, sociais e econômicas que levam em conta o real contexto da (multi) cultura fronteiriça.

A interação é inerente à natureza humana e desempenha um papel fundamental na constituição do ser social. Castells (1999, p.79) ressalta que, apesar do avanço do processo de individualização, os indivíduos demonstram uma tendência natural para se agruparem em organizações comunitárias. Essas associações não apenas proporcionam um senso de pertencimento, mas também contribuem para a formação de uma identidade cultural compartilhada. Nesse sentido, a busca pela conexão e pela solidariedade parece resistir à tendência contemporânea de enfatizar o eu individual, destacando a importância dos laços sociais e da coesão comunitária na construção da identidade e do sentido de pertencimento.

Diante das transformações das sociedades modernas e, consequentemente, das relações sociais, Hall (2005, p.12) reflete que "o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma mão única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas". Esse processo de fragmentação identitária reflete uma mudança significativa na percepção do eu e da sociedade, onde as múltiplas facetas do sujeito ganham destaque, refletindo a complexidade e a diversidade das experiências humanas na contemporaneidade.

A globalização e a transição das identidades entre o âmbito global e o local, e vice-versa, não são exclusivamente acompanhadas por aspectos negativos. A interação entre diferentes nações tem facilitado o estabelecimento de relações e a troca de experiências entre culturas, criando um terreno fértil para o surgimento de novas identidades e a produção de novos significados. Esse processo tem o potencial de ampliar a visão de mundo dos indivíduos, promovendo uma compreensão mais ampla e inclusiva da diversidade humana. Além disso, abre caminho para novas articulações e ações que visam a melhoria da qualidade de vida e a preparação estratégica e racional para o futuro. Assim, a globalização, quando abordada de maneira reflexiva e colaborativa, pode servir como uma força motriz para o progresso humano e a construção de um mundo mais conectado e harmonioso.

A identidade é uma construção complexa, composta por diversos elementos culturais, históricos e sociais, os quais são moldados pela maneira como cada indivíduo atribui significado e se relaciona com a sociedade. Segundo Castells (2001), as identidades são resultado de um processo de autoconstrução, refletindo a forma como os indivíduos se definem em relação ao contexto em que vivem, influenciado pelas experiências e pela realidade social, econômica, cultural e política. Essa construção identitária também é influenciada por fatores históricos, geográficos, biológicos, institucionais, memória coletiva, contexto de poder e modo de produção. Apesar de ser um processo individualizado, é notável que as tecnologias de comunicação têm aproximado as pessoas, eliminando fronteiras físicas e promovendo um maior contato entre indivíduos de diferentes nacionalidades. Além disso, o aumento da mobilidade transfronteiriça, resultado da expansão dos meios de transporte, tem contribuído para uma maior interação entre as culturas e para uma compreensão mais ampla das identidades individuais e coletivas.

Se o hibridismo cultural existe de um lado, vale apresentar o contraponto. Ao mesmo tempo que os indivíduos buscam o convívio social, também sentem necessidade de possuir referências. Diante disso, muitas vezes mantêm costumes locais, com afirmações como "sou

gaúcho”, “pertencço a determinada associação”, “sou descendente daquela etnia”, “vivo em tal lugar”. Embora possuam raízes móveis, processo influenciado pela globalização, terão raízes no lugar onde a produção de identidade foi alicerçada, o local.

Os processos de transformação das sociedades modernas, a partir da segunda metade do século XX, desencadearam uma desestabilização que muitas vezes resulta na crise da identidade. Esta, anteriormente concebida como algo estático, coerente e imutável, agora se revela como um fenômeno fluido e em constante evolução. O indivíduo contemporâneo é cada vez mais caracterizado pela coexistência de múltiplas identidades, ou seja, uma identidade em constante transição, que se adapta e incorpora novas formas de compreender o mundo.

No final dos anos 70 e início dos anos 80, os movimentos urbanos emergiram como uma alternativa de resistência à dominação capitalista, estatista e informacionalista. Diante desse contexto desafiador, as pessoas se viram confrontadas com a escolha entre se renderem ou reagirem com base em uma fonte legítima de autorreconhecimento e organização autônoma: seu próprio território. Castells (2001, p. 80) esclarece que, diante da incerteza do desconhecido e do incontrolável, a busca pela produção de significado e identidade se voltou para o local, manifestando-se em afirmações como "minha vizinhança, minha comunidade, minha cidade, minha escola, minha árvore, meu rio, minha praia, minha capela, minha paz, meu ambiente". Esse movimento representa uma tentativa de reafirmar a importância do local em um mundo cada vez mais dominado por forças globais.

As reafirmações do local exercem uma influência significativa no contexto de fronteira, uma vez que essas culturas entram em contato e possibilitam novas articulações. O local, mesmo em meio à influência global, mantém suas peculiaridades e passa a contribuir para a formação desse cenário global. Além do impacto da globalização na construção da identidade e na definição das culturas, observa-se um renovado interesse e um vínculo contínuo com o local. Este é o ponto de partida para o processo de definição da identidade, o que torna esse vínculo permanente. Hall (2001) propõe uma nova abordagem que articula o global e o local, sugerindo que a globalização não irá simplesmente destruir as identidades nacionais, mas é mais provável que produza tanto novas identidades "globais" quanto novas identidades "locais".

O deslocamento e as transformações da identidade não são marcados apenas por aspectos negativos. Quando observamos que o principal problema na fronteira Brasil-Argentina não é necessariamente de ordem legal e sim social, temos a interação cultural entre os indivíduos de ambas as nações como aliada na busca de soluções conjuntas, na convivência pacífica, na troca de experiências entre as culturas e na produção de novos significados que

permitem ampliar a visão de mundo dos sujeitos e abre a possibilidade de novas articulações e ações de impactos positivos do ponto de vista social, econômico e ambiental.

Torna-se de relevância indubitável a implementação de arranjos transfronteiriços que possibilitem a participação efetiva dos atores locais e a gestão compartilhada, tendo em vista uma visão da fronteira como uma oportunidade de desenvolvimento para esses territórios, e não simplesmente como um espaço de conflito. Esses arranjos devem ser concebidos de modo a promover a cooperação entre as diferentes partes envolvidas, visando à construção de soluções conjuntas que beneficiem todas as comunidades fronteiriças.

Processos de educação e de comunicação alternativa, que valorizem as peculiaridades do local, podem ser importantes aliados na produção de sentido para a compreensão da importância do espaço de fronteira como espaço rico de diversidade cultural, de construção solidária e coletiva para o bem comum.

EVOLUÇÃO HISTÓRICA E COMPLEXIDADE CULTURAL NA FAIXA ENTRE FRONTEIRAS

A etimologia do termo "fronteira" remete à conquista territorial e ao estabelecimento de limites militares entre dois territórios. No contexto da Europa moderna, a divisão do mundo em Estados territoriais desempenhou um papel crucial na definição do conceito de fronteira como os limites políticos das nações. Conforme Albuquerque (2010), a formação e expansão dos Estados nacionais transformaram a fronteira em um símbolo de soberania, representando a linha divisória entre nações, tornando-se sinônimo dos limites internacionais estabelecidos por cada Estado.

No entanto, é crucial observar que ao longo da história, as noções de fronteira e limite têm passado por uma evolução significativa, deixando para trás uma concepção linear em favor de uma abordagem mais abrangente, que considera toda uma área ou região fronteiriça. Machado (2005, p. 261) ressalta que as linhas divisórias entre países apresentam um vasto potencial de integração econômica e cultural, especialmente destacado nas cidades gêmeas, onde a densidade de desafios típicos das áreas fronteiriças é mais acentuada, demandando uma maior atenção por parte das políticas públicas.

De fato, a fronteira internacional surge como resultado das complexas relações humanas em suas diversas dimensões: políticas, econômicas, sociais, étnicas, religiosas, culturais e simbólicas. Nesse contexto, a fronteira não se limita apenas a uma linha divisória entre nações,

mas se configura como um espaço onde se entrelaçam simbolismos provenientes dos contatos entre indivíduos, línguas e culturas (Becker, 2007).

Ao longo do tempo, a concepção de fronteira tem se afastado da ideia de uma barreira estática, destacando-se como um lugar de interação dinâmica entre diferentes grupos humanos. Esses encontros culturais, linguísticos e sociais moldam a identidade da região fronteira e geram um mosaico de influências, características e símbolos que são compartilhados pelos povos que coabitam essas áreas limítrofes.

É relevante ressaltar que as fronteiras internacionais não são meramente produtos de acordos políticos ou geográficos, mas também resultado das histórias de intercâmbio e conflito entre nações e grupos étnicos. As fronteiras se transformam em lugares ricos em significados e representações simbólicas, refletindo a diversidade cultural e a convivência de identidades múltiplas.

São espaços onde as diferenças se entrelaçam e se misturam, criando uma teia de conexões complexas que ultrapassam as demarcações políticas estabelecidas. Assim, a fronteira se torna um ponto de encontro e troca, onde as trocas culturais e sociais moldam e redefinem constantemente o seu significado e sua importância para os povos que a vivenciam.

A fronteira internacional é um produto das relações humanas multifacetadas, sendo mais do que uma simples divisão territorial. É um lugar de encontros, divergências, assimilação e síntese cultural, onde os simbolismos emergem das interações entre os sujeitos, línguas e culturas que coexistem em sua área de influência. Essa compreensão mais abrangente nos ajuda a apreciar a riqueza e a complexidade das fronteiras como espaços dinâmicos e vibrantes na teia da experiência humana.

Ainda nesse contexto, Costa (2015) enfatiza que a nacionalidade desempenha um papel fundamental na vida dos residentes de regiões fronteiriças. Ela atua como uma categoria central que organiza o espaço cotidiano, influencia o acesso a direitos e determina a condição de estrangeiros, além de ser um fator crucial para a construção da identidade e integração na vida local (Grimson *apud* Costa, 2015, p. 38).

A questão da identidade na fronteira Brasil-Argentina é um tema complexo e relevante, onde a convivência em áreas fronteiriças muitas vezes desafia as noções tradicionais de nacionalidade e pertencimento, uma vez que a proximidade física e cultural entre povos de diferentes nações pode gerar experiências híbridas e ambíguas.

A proximidade geográfica pode levar a um maior intercâmbio cultural, à assimilação de elementos de ambas as culturas e, por consequência, à formação de uma identidade fronteira

singular e diversa. Contudo, essa convivência também pode desencadear desafios, conflitos e ambivalências em relação à pertença e à afirmação identitária. Fronteiras, por sua natureza, delimitam e estabelecem diferenças, o que pode levar a tensões entre as pessoas que vivem em lados opostos.

Assim, a identidade na fronteira Brasil-Argentina se revela como uma construção em constante transformação, moldada pelas interações culturais, sociais e políticas ao longo do tempo. A compreensão dessa dinâmica permite uma apreciação mais profunda da riqueza e complexidade das vidas dos moradores fronteiriços e das conexões que transcendem as fronteiras políticas estabelecidas.

Nesse contexto, aprofundaremos nossa análise das importantes iniciativas criadas e implementadas pelo governo brasileiro com o objetivo de promover e fortalecer a interculturalidade nas regiões fronteiriças, utilizando a educação como uma ferramenta fundamental. Portanto, na sequência abordaremos como essas ações têm impactado a construção de uma identidade fronteiriça única, bem como a valorização da diversidade cultural e o desenvolvimento de relações harmoniosas entre os povos das nações vizinhas.

POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO INTERCULTURAL NAS FRONTEIRAS

O Programa Escolas Interculturais Bilíngues de Fronteira (PEIBF) foi concebido em 2005 como um acordo bilateral entre Argentina e Brasil e atualmente faz parte das ações do Mercosul Educativo. Essa iniciativa busca promover a interculturalidade e o bilinguismo nas regiões fronteiriças entre os dois países.

No Portal do Ministério da Educação (MEC) do Brasil, o PEIBF é apresentado como uma estratégia para aprimorar a educação nessas áreas, reconhecendo a importância das identidades culturais e das línguas presentes na região. Por meio do programa, busca-se fortalecer o diálogo e a cooperação entre as comunidades fronteiriças, promovendo uma educação que respeite e valorize a diversidade cultural e linguística. Na prática é realizado o intercâmbio entre professores dos países do Mercosul, promovendo a integração entre estudantes e professores brasileiros e do país vizinho.

A metodologia adotada no projeto é a de ensino por projetos de aprendizagem. Os professores, de ambos os países, realizam o planejamento das aulas juntos e determinam em quais partes do projeto os professores realizarão o intercâmbio, pelo menos uma vez por semana. Portanto, o que ocorre no PEIBF não é o ensino de língua

estrangeira, mas o ensino em língua estrangeira, criando um ambiente real de bilinguismo para os alunos (MEC, s.d., n.p.).

Com o PEIBF, buscou-se proporcionar uma formação escolar que reconheça e integre as tradições e conhecimentos locais, incentivando a preservação das culturas regionais e o respeito mútuo entre os povos vizinhos. Além disso, o programa contempla o desenvolvimento de habilidades bilíngues, com ênfase no aprendizado da língua portuguesa e espanhola, para facilitar a comunicação e interação entre os estudantes de ambas as nações.

Dessa forma, o Programa Escolas Interculturais Bilíngues de Fronteira representa um importante esforço conjunto entre Argentina e Brasil para fomentar uma educação inclusiva e voltada para a valorização das identidades culturais e linguísticas das comunidades fronteiriças, fortalecendo os laços de cooperação e enriquecendo a experiência educacional dos estudantes nessas regiões de contato entre as nações.

Em 2007, foi apresentado o Modelo de Ensino Comum de Zona de Fronteira, resultado do desenvolvimento de um Programa para a Educação Intercultural, com ênfase no ensino do português e espanhol (MEC, 2008). Esse modelo visa promover a interação entre os agentes educacionais e as comunidades envolvidas, buscando o conhecimento mútuo e a superação de obstáculos ao contato e aprendizado (MEC e MECyT, 2008, p. 21).

Atualmente conhecido como PEIF, o programa é implementado em cidades da faixa de fronteira, especialmente em cidades gêmeas que fazem limite com o Brasil. Seu funcionamento baseia-se em acordos curriculares que permitem que os professores de escolas parceiras cruzem a fronteira semanalmente para dar aulas em sua língua materna. Nesse contexto, os professores se tornam modelos vivos da cultura do outro país, promovendo a intercompreensão e o diálogo intercultural, em vez de se concentrarem apenas no ensino da língua.

No Rio Grande do Sul, o PEIF atende professores das cidades-gêmeas de Porto Xavier (RS) e San Javier (Argentina). O planejamento das atividades é feito de maneira conjunta entre os professores das duas escolas, com apoio pedagógico da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e do Instituto Misiones, da Argentina (MEC, s.d.). Desde 2012, a UFFS oferece formação continuada a professores brasileiros, argentinos e paraguaios no âmbito do programa Escolas Interculturais de Fronteira. Os cursos e palestras abordam temas como diversidade étnica, pluralismo cultural, história, costumes, tradições, memória, identidade e pertencimento (Dutra *et al.*, s.d., s.p.).

O principal benefício do PEIF é a aproximação entre os dois países por meio da educação. A fronteira é tão perto, mas o conhecimento da realidade de cada um acaba sendo

tão distante, e é aí que entram as vantagens do programa (MEC, 2013). A língua é um detalhe, mas a base é a interculturalidade; trabalham-se os costumes dos dois países, a fauna, a flora, o turismo, a alimentação (Dutra *et al.*, s.d., s.p.).

Desde seu início em 2005 até o presente momento, o Programa passou por diversas mudanças. Algumas escolas no lado brasileiro deixaram de participar, enquanto outras foram incluídas. A assessoria pedagógica também passou por mudanças de responsáveis. O Programa evoluiu de um status de projeto para se tornar um programa do Governo Federal brasileiro. Já no lado argentino, embora as autoridades que originalmente o apoiaram não estejam mais à frente dos ministérios e secretarias, a estabilidade é maior no elenco das escolas envolvidas. Essas mudanças tornaram o andamento do Programa cada vez mais nas mãos dos protagonistas locais, e a percepção do espaço fronteiriço trabalhado nas ações é mais influenciada pelas vivências locais do que pelas características dos documentos oficiais.

Até 2013, o PEIF acontecia em 17 escolas, em 11 municípios, com aproximadamente 250 professores e 10 universidades federais. Em 2014, houve ampliação do Programa para novos municípios (UNIPAMPA, s.d.) e desde então os dados disponíveis são bastante desconstruídos. Cursos de espanhol e de português para estrangeiros, resgate de costumes, turismo, estudos sobre a história, contexto ambiental e troca de conhecimentos sobre segurança e soberania alimentar são algumas das ações práticas promovidas com educandos de escolas e universidades contempladas.

Tal evolução do Programa demonstra sua adaptabilidade às dinâmicas locais e às mudanças no cenário político e educacional de ambos os países. A implementação nas cidades gêmeas de fronteira permite uma interação mais próxima e enriquecedora entre as comunidades, promovendo a construção de uma identidade fronteiriça mais integrada e fortalecendo os laços de cooperação transfronteiriça (Faria, 2020, s.p.).

Por outro lado, diante de alguns de seus gargalos, ações básicas, como aumentar o financiamento para o Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF) poderiam ter um impacto significativo na sua capacidade de atender às necessidades das comunidades locais. Com mais recursos financeiros, o programa poderia contratar mais professores e ampliar as atividades oferecidas, beneficiando um número maior de alunos e promovendo uma educação intercultural de qualidade (Faria, 2020, s.p.). Além disso, o aumento do financiamento também poderia permitir a realização de pesquisas e estudos para aprimorar as metodologias e abordagens pedagógicas utilizadas pelo programa. Isso poderia resultar em melhores resultados

educacionais para os alunos e contribuir para a promoção da integração entre os países participantes do Mercosul.

No entanto, é importante ressaltar que o aumento do financiamento por si só não é suficiente para garantir o sucesso do programa. É necessário que os recursos sejam utilizados de maneira eficiente e eficaz, com planejamento e gestão adequados. Além disso, é fundamental que haja um comprometimento por parte das autoridades locais e das comunidades envolvidas para apoiar e fortalecer a ação do PEIF nas cidades em questão.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Iniciativas como o PEIF contribuem para que a compressão da diversidade cultural e étnica, antes percebida como uma ameaça para a identidade nacional, como fator de enriquecimento e abertura para múltiplas possibilidades de troca de experiências, conhecimento e fortalecimento das nações.

A análise do Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF) e sua relação com as questões culturais e de identidade local nas regiões fronteiriças entre Brasil e Argentina revela resultados significativos e promissores. O PEIF, como um exemplo concreto de iniciativa de integração cultural e educacional, destaca a importância de transcender as barreiras geográficas e políticas para construir pontes de compreensão e cooperação.

Primeiramente, o PEIF tem demonstrado a capacidade de criar espaços de encontro e interação entre estudantes, professores e instituições de ambos os lados da fronteira. Essa interação não apenas amplia o horizonte educacional dos participantes, mas também promove um diálogo aberto sobre as diferenças culturais e a diversidade que caracteriza essas regiões fronteiriças. Através desse diálogo, os participantes podem desenvolver uma compreensão mais profunda das identidades culturais locais, bem como das semelhanças que unem essas comunidades.

Além disso, o Programa desempenha um papel fundamental na construção e consolidação de uma identidade fronteiriça compartilhada. Através das atividades interculturais, os estudantes são expostos a uma ampla gama de expressões culturais, histórias e tradições, o que os incentiva a refletir sobre sua própria identidade e compreender como ela é influenciada por fatores culturais. Isso contribui para a formação de cidadãos conscientes da importância de valorizar e respeitar as raízes culturais de sua região.

O PEIF também se destaca como uma ferramenta para combater estereótipos e preconceitos que muitas vezes surgem devido à falta de conhecimento sobre o "outro" lado da

fronteira. Ao promover a interação e a troca de perspectivas entre estudantes de diferentes origens culturais, o programa quebra barreiras mentais e incentiva a tolerância, a empatia e o respeito mútuo.

No entanto, é essencial reconhecer que, apesar dos avanços alcançados pelo Programa, ainda há desafios a serem enfrentados. A ampliação e o fortalecimento contínuo dessas iniciativas são cruciais para garantir que um número cada vez maior de jovens seja beneficiado por esse intercâmbio cultural e educacional. Além disso, a sustentabilidade desses programas demanda apoio constante de governos, instituições de ensino e organizações da sociedade civil.

Em última análise, o Programa evidencia a capacidade da interação cultural e da promoção da identidade local de transcender fronteiras físicas e criar uma fronteira intercultural enriquecedora. O programa reforça a ideia de que a diversidade cultural não é um obstáculo, mas sim uma oportunidade para a construção de sociedades mais harmoniosas e desenvolvidas. Como resultado, o PEIF se coloca como um exemplo inspirador de como a colaboração e a compreensão mútua podem moldar um futuro mais promissor para as regiões fronteiriças e além.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso pensar o desenvolvimento de um território na perspectiva da integração, para além das meras deliberações formais e legais. A vida concreta, o que acontece no cotidiano, é o que de fato determina a integração real e aprofundada.

Toda identidade é histórica e culturalmente construída, portanto, a identidade cultural está presente na tomada de decisões, das mais básicas às mais complexas, o que influencia rumos individuais e coletivos. À medida que a identidade cultural exerce influência sobre as práticas individuais estas, enquanto constituintes das relações sociais entre indivíduos, constroem o contexto coletivo.

Portanto, ao abordarmos o desenvolvimento de um território, não podemos limitar nossa visão apenas às questões formais e legais. A verdadeira integração vai além das deliberações burocráticas e se enraíza na vida cotidiana das pessoas. É nas interações diárias, nas trocas culturais, nos laços comunitários e nas experiências compartilhadas que a integração genuína ocorre.

A identidade cultural desempenha um papel fundamental nesse processo. Ela é uma força poderosa que molda nossos valores, crenças e comportamentos, influenciando a maneira como tomamos decisões, desde as mais simples até as mais complexas. As escolhas individuais,

quando somadas, constroem o tecido social que define o contexto coletivo. A compreensão de nossa identidade cultural nos dá uma base sólida para tomarmos decisões conscientes que considerem não apenas nosso próprio bem-estar, mas também o bem-estar da comunidade a que pertencemos.

Na prática, a busca por um desenvolvimento verdadeiramente integrado e sustentável requer um entendimento profundo da cultura local e das dinâmicas sociais. Isso implica em criar estratégias que fomentem a troca de conhecimentos e experiências entre diferentes grupos, promovendo a cooperação e a coexistência harmoniosa. A valorização das tradições, a celebração da diversidade e a promoção do diálogo intercultural são elementos essenciais para construir um ambiente onde a identidade cultural seja respeitada e aprofundada, o que evidencia a importância de iniciativas com o PEIF.

Em síntese, a integração efetiva de um território vai muito além de fronteiras geográficas ou regulamentações legais. Ela emerge da consciência das raízes culturais que ligam as pessoas e da compreensão de que cada indivíduo contribui para o tecido social que molda a coletividade. Portanto, ao planejar e buscar o desenvolvimento, devemos priorizar a promoção da integração real e profunda, com base na riqueza das identidades culturais e na colaboração mútua, visando um futuro mais inclusivo, enriquecedor e harmonioso.

Ao se atentar a questões culturais valorizadas no âmbito das instituições de ensino, também é valorizado o papel múltiplo da educação na promoção do desenvolvimento. Afinal é através da educação que rumos são transformados. No entanto, seu papel será cumprido quando essa assumir características libertadoras e associadas à realidade do território e às demandas dos atores por ela contemplados, por isso, da importância de se discutir o contexto fronteiriço.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J. L. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 31, p. 137–166, 2009.

ALBUQUERQUE, J. L. C. **A dinâmica das fronteiras**: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2010.

BECKER, B. K. **Amazônia**: geopolítica na virada do II milênio. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BUENO, M. L. M. C. A gestão do Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF) na fronteira do Brasil com o Paraguai. **Revista Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 11, n.

esp.1. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/16517/9092>
Acesso em: 03 ago. 2023.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da Modernidade. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

CANETE, Greici L. R. **Projeto Escolas Interculturais Bilíngues de Fronteira**: é possível aliar ensino na L2 e interculturalidade em duas realidades escolares diferentes? Editora PUC: Porto Alegre, s.d.

CHIAPPINI, Ligia. Multiculturalismo e Identidade Nacional. In: MARTINS, Maria Helena (org e co-autor). **Fronteiras Culturais**: Brasil- Uruguai- Argentina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade** - A era da informação: economia, sociedade e cultura. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 3ª edição. Volume 2. São Paulo: Paz e Terra, 2001, 530 p.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Tradução Roneide Venâncio Majer. 7ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2003, 698 p.

COSTA, G. V. L. Os bolivianos em Corumbá-MS. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 35–63, 2015.

DUTRA, Maria E. A. *et al.* Programa Escolas Interculturais de Fronteira: Desafios e Possibilidades de uma Política de Inclusão. **IV CITENDI**. Paraíba, 2021. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2020/TRABALHO_EV137_MD1_SA9_ID_688_29102020174906.pdf Acesso em: 28. jul. 2023.

FARIA, José Roberto. Fronteira, cidades gêmeas e escolas de fronteira: educação como eixo de integração fronteiriça. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações**. Amazonas, 2020. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8479> Acesso em: 03 ago. 2023.

FINOKIET, Bedati *et al.* **Linguagens e Interculturalidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2015.

GOMES, Heloísa Maria; MARINS, Hiloko Ogihara. **A ação docente na educação profissional**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, 102 p.

HUNTINGTON, Samuel P. **Choque das civilizações?** Política Externa. São Paulo: Paz e Terra / USP, p. 120-141, março 1994.

MACHADO, L. O. Estado, territorialidade, redes: cidades-gêmeas na zona de fronteira sul-americana. In M. L. Silveira (Org.), **Continente em chamas**: globalização e território na América Latina. (pp. 243-284). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MACHADO, L. O. Cidades na Fronteira Internacional: conceitos e tipologia. *In 2ª Conferência Internacional de Desenvolvimento Urbano em Cidades de Fronteira* (pp. 58-69). Foz de Iguaçu, PR. Anais (on line) Foz do Iguaçu: IAB, 2006.

MATTELART, Armand e Érik Neveu. **Introdução aos Estudos Culturais**. Tradução Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. 215 p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Escolas de Fronteira**. 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Escolafronteiras/doc_final.pdf Acesso em: 01 ago. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Peif (s.d.)**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/peif> Acesso em: 01 ago. 2023.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO; Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología. **Modelo de ensino comum de zona de fronteira, a partir do desenvolvimento de um Programa para a educação intercultural, com ênfase no ensino do português e do espanhol**. Brasília e Buenos Aires, março de 2008.

MORAES, Margarete. Caminhadas além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (org e co-autor). **Fronteiras Culturais: Brasil- Uruguai- Argentina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das Fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (org. e co-autor). **Fronteiras Culturais: Brasil- Uruguai- Argentina**. São Paulo: Ateliê Cultural, 2002.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. 624 p.

UNIPAMPA. **Programa Escolas Interculturais de Fronteira** (2014). Disponível em: <http://porteiros.unipampa.edu.br/extensao/programa-escolas-interculturais-de-fronteira-peif/> Acesso em: 02 ago. 2023.

VARES, Luiz Pilla. Fronteiras Culturais. In: MARTINS, Maria Helena (org. e co-autor). **Fronteiras Culturais: Brasil- Uruguai- Argentina**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.